

A representação da imigração alemã em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, de Josué Guimarães

Zuleica Luana Kraemer¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da imigração alemã no romance *A ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, de Josué Guimarães. A narrativa ficcional acontece nos primeiros anos da imigração alemã no sul do Brasil (1825). A análise está pautada em três pontos: a relação de imigrantes alemães com outros grupos étnicos (a saber, negros escravizados, índios e castelhanos), a representação da mulher na narrativa (principalmente em relação ao poder de dominação e às diferenças étnicas) e, por último, as questões políticas e religiosas. Imigrantes alemães eram obrigados ou simplesmente destinados a um lado político, a uma determinada religião. Pelo posicionamento político, acabavam destinados à frente de batalhas em guerras. Na obra de Josué Guimarães podemos ver os dois lados da imigração alemã: a chegada sofrida com inúmeras dificuldades enfrentadas pelos imigrantes e também o aproveitamento que muitos fizeram da política governamental de embranquecimento da população brasileira. Através desta análise procura-se entender também o papel do descendente de imigrantes alemães na contemporaneidade.

Palavras-chave: Imigração alemã; Literatura Comparada; Literatura Brasileira.

Zusammenfassung: In diesem Artikel soll die Darstellung der deutschen Einwanderung im Roman *A ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* von Josué Guimarães analysiert werden. Die fiktive Prosa spielt in den frühen Jahren der deutschen Einwanderung in Südbrasilien (1825). Die Analyse basiert auf drei Punkten: dem Verhältnis deutscher Einwanderer zu anderen ethnischen Gruppen (nämlich versklavten Schwarzen, Indianer und Südamerikanischer-Kastilier); der Darstellung von Frauen in der Erzählung (hauptsächlich in Bezug auf die Macht der Herrschaft und ethnische Unterschiede) und schließlich politische und religiöse Probleme. Deutsche Einwanderer waren verpflichtet, sich einfach einer politischen Seite, einer bestimmten Religion anzupassen. Aufgrund ihrer politischen Position waren sie dazu bestimmt, an Kriegen teilzunehmen. In Josué Guimarães' Werk kann man beide Seiten der deutschen Einwanderung betrachten: Die Ankunft litt unter unzähligen Schwierigkeiten der Einwanderer und auch unter dem Gebrauch, den viele von der Regierungspolitik der „Verweissung“ (embranquecimento) der brasilianischen Bevölkerung machten. Diese Analyse versucht auch, die Rolle der Nachkommen deutscher Einwanderer in der heutigen Zeit zu verstehen.

Schlüsselwörter: deutsche Einwanderung; Vergleichende Literaturwissenschaft; Brasilianische Literatur.

Introdução

Não é possível refletir e compreender o Brasil de hoje sem levar em consideração todos os processos coloniais e imigratórios que o compõem. Um desses processos, iniciado com força em 1824, em que o país tornava-se independente de Portugal, foi o de imigrantes alemães que se deslocaram principalmente para o sul do país. A origem desses imigrantes estava do outro lado do oceano, na maior parte das vezes vindos em uma viagem de condições precárias e sem qualquer ideia do que os esperava na “terra prometida” ou no “eldorado”. A emigração de alemães era basicamente de famílias, mas havia também solteiros e muitas uniões se formavam

¹ Aluna de mestrado em Teoria, Crítica e Comparatismo do Programa de Pós-Graduação em Letras pela UFRGS. zuleica.kraemer@gmail.com

nos navios. Vinham carregando consigo uma religião, uma língua, uma cultura e também saudades. Vinham para outras paisagens, outro clima, outra forma de (sobre)viver.

O sul do Brasil, principalmente o Rio Grande do Sul, quando se trata de produção literária, é associado mais comumente a um regionalismo que a um produto da literatura nacional. Tem-se a impressão, muitas vezes, que a produção literária com elementos da imigração alemã se concentra em uma espécie de reduto regional localizado necessariamente na parte do sul do Brasil. Mas com isso não se afirma que esse dado é absoluto, ou seja, existem obras literárias que têm como tema aspectos da imigração alemã no Brasil produzidas e publicadas no estado do Espírito Santo, de Minas Gerais, São Paulo entre outros.

A narrativa ficcional tem se encarregado, de forma exemplar, de ilustrar a forma como se deu e também como se seguiu o processo de imigração e instalação dos alemães na nova terra, no Brasil. Na literatura, a compreensão do processo migratório alemão torna-se, de certo modo, bastante fidedigno ao que de fato se deu na história desde 1824. No processo migratório, há um primeiro momento em que nada está preparado, de modo que os imigrantes alemães chegam e necessitam abrir caminho em meio à mata, construir casas, trabalhar arduamente com a terra e viver ou isolados ou sem conseguir usar da comunicação verbal por línguas dessemelhantes.² A literatura ficcional brasileira traz esse tipo de questão para o texto. Uma obra literária que aborda isso muito bem é o romance *A ferro e fogo: I. Tempo de Solidão*, de Josué Guimarães. A narrativa se passa a partir dos anos 1825 e atravessa um momento histórico muito relevante no cenário sul-brasileiro, a saber, a Guerra da Cisplatina, a qual aconteceu entre os anos de 1825 e 1828, em um lugar conhecido então como Província de São Pedro. A Guerra Cisplatina ocorreu entre o Brasil e as Províncias do Rio da Prata e a disputa se deu pela posse do que hoje conhecemos como o Uruguai.

Pensando na aproximação do aspecto histórico e da produção ficcional, para iluminar a questão do gênero *romance* como aquele que aproxima a ficção da realidade, recorremos a Bakhtin, que diferencia, primeiramente, o gênero romance do gênero épico. A característica de “sério-cômico” (um tipo de atualização da epopéia onde surgem as paródias) é o que permite, num primeiro momento, a conceituação de gênero *romance*. E é pelo cômico que o distanciamento é quebrado. Bakhtin (2019, p.90) esclarece que essa característica “é precisamente o que destrói a distância épica e em geral toda a distância hierárquica”. São as primeiras manifestações daquilo que viria a ser mais tarde o que conhecemos por gênero romance,

² Cabe chamar atenção ao fato de que, quando se fala em imigração alemã, estamos tratando de imigrantes de língua alemã, não sendo oriundos do espaço territorial que se tem hoje por Alemanha. As fronteiras do estado nacional alemão modificaram-se muitas vezes desde a década de 1820 até os dias atuais. E quando se fala de línguas dessemelhantes estamos trazendo à discussão o fato de que os imigrantes de língua alemã confrontam-se no Brasil com a língua portuguesa.

trazendo o texto para o presente, o qual “começa a sentir-se *mais próximo do futuro do que do passado*”. Assim, o passado fechado da epopeia está mais distante da realidade contemporânea do que uma projeção do futuro.

O romance, na teoria de Bakhtin, está ancorado na tripla relação de autor, leitor e o mundo representado em forma de texto. Esses três elementos localizam-se no mesmo plano axiológico-temporal, ou seja, o campo da representação está acessível, diferentemente do que acontece no gênero épico.

A partir da leitura de *A ferro e fogo: I. Tempo de Solidão* surgem alguns questionamentos: de que forma os imigrantes alemães estão representados na narrativa? E as outras etnias que convivem com esses imigrantes? Como está representada a figura da mulher nesse contexto de imigração? De que forma estão representadas as questões políticas e religiosas na narrativa? Como é a relação dos imigrantes alemães com os brasileiros na narrativa?

Um dos objetivos desse artigo é procurar compreender, através do viés ficcional, o lugar da contemporaneidade, as razões de ser da forma como é o sul brasileiro, o comportamento dos teuto-brasileiros.

Muitos são os pontos que permeiam e podem permear possíveis análises a partir da leitura da obra aqui em questão: existia um diálogo necessário entre os sujeitos germânicos estabelecidos em terras brasileiras, mas em muitos casos o diálogo também era bastante complicado, não somente com os “brasileiros”, mas também entre os próprios imigrantes devido às muitas diferenças que traziam de sua terra; a mudança cultural era bastante grande da Europa para o Brasil, passando pela alimentação, vestuário e arquitetura; muitos deixaram a sua terra devido a perseguições e conflitos bélicos, no entanto, aqui muitos já forma convocados e envolvidos em guerras e conflitos, sendo que em muitos casos não compreendiam a língua em que as ordens eram dadas. Esses são apenas alguns elementos que instigam uma investigação e reflexão acerca de *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*.

Na obra, uma família de imigrantes alemães é obrigada a se deslocar a uma região de fronteira do sul do Brasil, sem conhecerem exatamente o sentido disso. Além disso, uma mulher dirige toda a estrutura familiar da propriedade privada em Bagé, sofrendo estupros constantes de bandoleiros da região de fronteira e vendo o marido se transformar em um bicho escondido dentro do poço desativado. Enquanto isso, em São Leopoldo uma adolescente era encontrada desacordada, imunda, cheia de medo, vinda de alguma outra região longínqua das terras gaúchas, tendo sido sua família assassinada, sem falar uma palavra que não fosse em alemão, tomada então sob os cuidados de um poderoso alemão de Porto Alegre. Essa adolescente acaba se transformando em esposa do poderoso alemão e determinando um novo destino a ele. As mulheres são figuras centrais e determinantes na obra.

Pensando que a Literatura Comparada surge para trazer a urgência da conversação entre campos que travam um diálogo constante e intenso e com isso trazem à compreensão aspectos da formação e comportamentos de uma sociedade, pretendemos analisar neste artigo como isso pode ser visto em um cenário de imigração, com conflitos políticos e bélicos, choque de línguas e de culturas.

De acordo com Schmidt (2010), fenômenos literários não estão dissociados do processo histórico, pelo contrário, estão situados no contexto geocultural e geopolítico. *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* é uma narrativa ficcional que explicita essa relação, assim como também traz o tema das comunidades transnacionais, ou seja, as questões de comunidades que não pertencem sentimentalmente aos países hospedeiros e nem nacionalmente ao país de origem, mas que se identificam antes a questões de pertencimento étnico, de gênero e ainda outros.

Sobre a questão do pertencimento, trazemos o teórico Benedict Anderson, o qual analisa em seu livro *Comunidades Imaginadas* o surgimento das nações a partir do final do século XVIII. Anderson afirma que uma comunidade imaginada tem seu surgimento atrelado ao surgimento das línguas impressas. Por língua impressa entende-se a versão utilizada pela imprensa, a qual não é a vernacular, mas sim uma versão padrão que é compreendida por grupos que não se comunicavam oralmente, porém entendiam-se enquanto comunidade através da língua impressa em livros e jornais. Essas línguas impressas só são possíveis através do surgimento do capitalismo.

Anderson aborda a questão dos crioulos na América. Conforme o teórico, por crioulo entende-se aquele que tem descendência européia pura, mas que nasceu fora dela. “[...] Nascido nas Américas, ele não podia ser um verdadeiro espanhol; ergo, nascido na Espanha, o *peninsular* não podia ser um verdadeiro americano.” (ANDERSON, 2008, p.98) O exemplo é dos espanhóis que colonizaram o México. Ele nos é importante para exemplificar a espécie de limbo em que viviam muitos dos imigrantes alemães que vieram ao Brasil a partir do século XIX. Não eram mais pertencentes ao território europeu de língua alemã, mas também não se identificavam como brasileiros por não falarem a língua, por terem uma cultura diferente, muitos praticavam uma religião estranha a dos brasileiros. O contato do imigrante alemão com os habitantes locais terá como consequência natural o hibridismo cultural, marcado pela duplicidade que resulta do contato dos imigrantes e de seus descendentes com o meio, a sociedade e a cultura no Brasil, o que se expressa pela aplicação analítica da categoria “teuto-brasileiro” (*Deutsch-Brasilianisch*, *Deutschbrasilianer* ou *Deutschbrasilianisch*) (SEYFERTH, 2004, NEUMANN, 2017a). Nesse caso, o hífen,³ empregado em muitas definições identitárias, pode agregar características; mas também pode ser percebido como marcador de uma forma de marginalização, de uma exclusão dos dois grupos conectados por ele. Dialogando com os

³ Em relação ao conceito de hífen ou hifenização, referimo-nos a BHABHA, 2000, p. 301s.

estudos do comparatista alemão Ottmar Ette, a literatura e a ciência, e aqui poder-se-ia mencionar o caso da literatura teuto-brasileira, repousam sobre um grande número de localizações espaciais e por isso correm o risco de não serem percebidas e refletidas (ETTE, 2001, p. 21). A escrita da literatura pode ser vista como composição simbólica da estruturação de uma “comunidade nacional” em um formato teuto-brasileiro, sendo que os conteúdos culturais de etnicidade se caracterizam como marcadores de identidade do limite em relação à sociedade nacional. Esses símbolos exigem, porém, constantes reinterpretações com base no fato de que a incorporação e a adaptação desses elementos ocorrem em um novo contexto. Nesse caso, há uma junção do passado, do presente e do futuro para permitir que se efetue uma continuidade transcendente da nação. Stuart Hall vê a nação como “uma comunidade simbólica e é isto que explica seu “poder de gerar um senso de identidade e fidelidade”” (HALL, S. 1997, p. 54; NEUMANN, 2000; NEUMANN, 2017a).

De acordo com Antonio Candido, em seu livro *A formação da literatura brasileira*, a literatura produzida principalmente a partir do Romantismo está empenhada em criar o país, o que dialoga diretamente com a entrada de imigrantes, desses novos elementos formadores da identidade nacional brasileira, oriundos principalmente da Europa. Conforme Candido, é preciso fazer literatura para fazer o Brasil. Em *A ferro e fogo: I. Tempo de Solidão* tem-se, de certo modo, uma literatura empenhada, apesar de muitas vezes esse tipo de produção ser associada preferencialmente ao que se chama de regionalismo do que ao que se chama de nacional. Nesse momento, no entanto, não pretendemos nos alongar em torno dessa problemática, mas muito mais trazer à discussão os três pontos acima mencionados. De qualquer forma, é impossível entender as múltiplas identidades coabitantes do sul brasileiro sem levar em consideração os sujeitos que aqui chegaram a partir de 1824, com apoio oficial do governo imperial brasileiro.

A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão – questões de pertencimento étnico

Tratar da questão étnica nunca é algo simples, seja ainda nos dias de hoje, seja na revisão da História, seja em Literatura. O tema gera desconforto, e com razão. É preciso abordá-lo atualmente e cada vez mais até o dia em que não for mais necessário nenhum tipo de reparação. Os dominadores que atuaram no Brasil, principalmente no período colonial, foram suficientemente persuasivos a ponto de convencerem-se a si mesmos e aos dominados também sobre o problema. No período colonial, e ainda nos dias de hoje, o que sempre se quis foi chegar ao patamar do branco europeu.

Em relação à obra de Josué Guimarães, a formação do Rio Grande do Sul é um fato histórico determinante. Em um mesmo lugar encontraram-se os imigrantes alemães, os índios

nativos do lugar, os negros escravizados e ainda os castelhanos, que lutavam pelo pedaço de chão, especialmente na região de fronteira. Ivânia Aquino afirma que “pelo romance, o estado do Rio Grande do Sul forma-se a partir das diferenças e do embate das diferenças” (AQUINO, 2007, p.261). De fato, na narrativa isso fica claro, pois, quando a família de imigrantes alemães Schneider decide sair de São Leopoldo e ir para a região de Bagé, o casal de escravizados e o índio os acompanham. A ida destes últimos, porém, não é voluntária, mas sim estão inclusos no contrato firmado entre Gründling, Catarina e Daniel. Depois, quando as terras são invadidas e Daniel é escondido no poço, a família passa a ser o conjunto das diferentes etnias, uma representação interessante da junção de diferentes grupos, todos menos favorecidos ainda que em níveis diferentes, reunidos em um mesmo espaço territorial, a área de terras prevista para a família, lutando pela sobrevivência em meio à guerra.

Em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, logo no início da narrativa, o major Gründling, personagem histórica real que entrou para as páginas de ficção, pronuncia-se sobre o que pensava em relação aos negros e aos índios:

– Ouro é o que vale – insistiu no seu bom alemão. – Digo a vocês agora que Deus inventou o negro para derrubar mato, cavar terra e carregar água. Não há sol que consiga queimar a sua pele, as patas e as mãos deles têm cascos que fazem a inveja de quanta mula existe por aí, da Feitoria às bandas do Uruguai. [...] Para domar cavalo xucro, camperear, marcar boi, castrar bicho e servir mate, que vocês pensam que o diabo inventou? Digam, se forem capazes. Pois eu digo, seus imbecis, que para isso o diabo inventou o índio, o bugre, que forma com o cavalo um só corpo, que segue rastro de gente ou de bicho, que tem um nariz capaz de cheirar um tigre a uma légua de distância. (GUIMARÃES, 1991, p.7-8)

O major Gründling era a pessoa responsável por receber os imigrantes que chegavam nos navios em São Leopoldo e por destiná-los a sua moradia final. Ele era a referência de mando e desmando para aquela gente. Sua forma de tratamento, tanto em relação aos alemães, mas especialmente em relação aos negros escravizados e aos índios, é marcada por brutalidade. Mais tarde, ao encontrar uma jovem perdida, perambulando pelas ruas de São Leopoldo, sem falar uma palavra em português, decide levá-la para a sua casa em Porto Alegre e cuidar dela. Mariana, uma mulher escravizada, que trabalha na casa de Gründling, fica responsável por cuidar de Sofia, a alemã órfã encontrada em São Leopoldo. Quando Sofia chega em Porto Alegre, Gründling ordena a Mariana: “Vamos, não fica aí parada [Mariana], olhando a pobrezinha [Sofia] que ela mal conhece negro. Vai acabar morrendo de susto.” (GUIMARÃES, 1991, p. 83).

Concomitante à chegada dos alemães ao Brasil, prosseguia a escravização de sujeitos trazidos da África ao país. É sempre importante lembrar que o fato de haver alemães e mais tarde também italianos no Brasil é devido a um projeto de branqueamento da população brasileira, uma vez que na primeira metade do século XIX apenas um terço da população era

formada por brancos. Os alemães começaram a chegar ao Brasil em 1824 e a Lei dos Sexagenários, por exemplo, foi lançada em 1850, porém promulgada apenas em 1885. Essa lei tinha como objetivo libertar negros escravizados que completassem 60 anos de idade. Em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, a própria personagem do alemão Capitão Blecker, outra personagem histórica presente no romance, pratica o comércio de negros:

Foi quando o Capitão Blecker começou a desembarcar a sua carga não confessada, cerca de trinta escravos para serem vendidos na praça do Rio, onde os preços eram mais altos. Os negros desciam acorrentados, cegos pela luz do dia, a maioria de uma magreza impressionante, mal se sustentando nas pernas. (GUIMARÃES, 1991, p. 146)

É importante ter em mente que a comunidade de imigrantes alemães, na sua maioria, é formada de refugiados da fome, da pobreza e das pestes. Porém, são estes mesmos sujeitos que, uma vez instalados em terras brasileiras, dão continuidade ao processo de escravização de sujeitos negros. Junta-se a isso o fato de existir um projeto de branqueamento do Brasil iniciado em 1824, mantido durante o regime escravocrata e prolongado no governo republicano.

Caminhando no mesmo sentido, há a questão do índio, muitas vezes chamado pejorativamente de bugre (que nada mais é do que o índio que não foi catequizado). Ele não está no sistema escravocrata, mas é tratado com um animal, passível de ser domesticado. Em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, depois de a família Schneider regressar para a Feitoria, em São Leopoldo, ela recebe ajuda de seus compatriotas para poderem reiniciar a vida ali. Revoltado com a situação pela qual a família passou, um dos imigrantes que os auxilia, Valentim Oesterreich, faz o seguinte comentário sobre o fato de Daniel ter vivido por tanto tempo dentro de um poço: “(...) isso não se faz com um cão, um bugre não merecia isso” (GUIMARÃES, 1991, p.108).

Juanito, o índio que acompanha a família Schneider, casa-se com Ceji, uma índia. “Juanito, com o braço esquerdo com meio movimento - que a coronhada dos castelhanos lhe partira a clavícula e os ossos mal soldados o deixaram de ombro caído [...]” (GUIMARÃES, 1991, p.69). Ele buscava trigo na estância Medanos-Chico, onde Ceji trabalhava. Ele havia defendido a família Schneider e possibilitado a sobrevivência de Daniel. Isso conferiu a Catarina uma grande confiança em Juanito. Aos poucos começou um namoro entre ele e Ceji e logo Catarina considerou que a única forma possível de os dois viverem essa união juntamente à família de alemães é submetendo-se às regras cristãs:

[Catarina] havia levado Juanito até o padre da paróquia de Santa Vitória e lá tratara de fazer o casamento com Ceji, passando o índio e a mulher a formar um novo casal Schneider, que era preciso um sobrenome cristão. (GUIMARÃES, 1991, p. 115)

Por último, mas não menos importante, voltamos à relação de Sofia com Mariana, a mulher negra escravizada que trabalha na casa de Gründling, em Porto Alegre. Logo quando Sofia chega em Porto Alegre e é recebida por Mariana, Gründling diz que ela poderia se assustar com a escrava pelo fato de ela não conhecer negros. É interessante observar a postura de Gründling, pois Sofia encontrava-se em um estado deplorável, encontrada em São Leopoldo, estava suja, magra, maltrapilha. No entanto, ainda assim os traços europeus são valorizados e exaltados a ponto de a jovem maltrapilha se assustar com a presença da escrava, que certamente está bem vestida por estar na casa do senhor.

Depois, já nos primeiros dias em que Sofia está em Porto Alegre, Mariana a leva para um passeio e lhe apresenta a Igreja Nossa Senhora do Rosário e lhe explica que esta foi “levantada e mantida pelos pretos” (GUIMARÃES, 1991, p.91). Sofia nada compreende porque não entende nada além de alemão. Depois do passeio, Mariana é duramente advertida por Gründling, pois ela não deveria estar ao ar livre com Sofia, principalmente em regiões da cidade marcadas pela influência africana.

A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão - A mulher

As figuras femininas em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* têm papel fundamental, são personagens que sobretudo demonstram força.

A primeira delas a ser mencionada é Catarina Schneider, esposa de Daniel Abrahão. Depois da chegada em São Leopoldo, a família recebe uma oferta irrecusável para viver temporariamente na região de Bagé. Ganham mantimentos, ferramentas, são acompanhados por um casal de negros escravizados para o trabalho duro e um índio com conhecimentos importantes sobre fauna e flora. Porém, a realidade logo depois dos primeiros dias não foi nada daquilo que pudessem ter imaginado. Em meio ao conflito da Guerra da Cisplatina, Catarina se vê obrigada a mentir aos soldados e dizer que Daniel havia sido capturado. A melhor saída para manter Daniel vivo nesse contexto foi escondê-lo no poço e, assim, ela passa a comandar as atividades da família. Além de todas as dificuldades enfrentadas na solidão, pois até mesmo a comunicação com o casal de negros escravizados e com o índio não se dava da melhor forma devido ao fato de as línguas serem estranhas para todos, de tempos em tempos a fazenda era saqueada e Catarina foi várias vezes vítima de estupro pelos bandoleiros. Em meio ao caos e à violência, Catarina e Daniel mantêm uma relação conjugal dentro do poço. Apesar de todas as dificuldades, ela engravida e surge o medo sobre a paternidade. Mas “mulheres do tipo de Catarina só pegavam filho do próprio marido. O útero se fechava ao esperma dos violadores. Animais de raças diferentes não procriam. Mateus, além de um Klumpp, era um Schneider” (GUIMARÃES, 1991, p.69).

Outra personagem mulher de significativa relevância é Sofia, a menina menor de idade que foi encontrada sem rumo no centro da cidade de São Leopoldo. Levada por Gründling para Porto Alegre, viria depois a se tornar esposa do mesmo.

O major Jorge Antônio von Schaeffer⁴, responsável pelos navios que vinham da Alemanha ao Brasil, trazia encomendas de lá a pedido de Gründling para Sofia e, em uma das cartas escreveu: “Quando eu for ao Brasil quero conhecer essa rainha [Sofia], que toda alemã que se preza deve ser uma deusa na cama” (GUIMARÃES, 1991, p. 98).

Sofia é uma jovem que perdeu os pais e conseguiu fugir até ser encontrada em São Leopoldo.

Viera de São Borja para onde a família fora levada dos Sete Povos das Missões. Seu pai, Spannenberger, morrera degolado por gente de guerra. A mãe desaparecera e ela fora carregada por um gaúcho de quem não sabia o nome. Depois um outro homem ficara com ela, andando de povoado em povoado. Um dia fora deixada na casa de um velho e lá morara por muito tempo. Não sabia quanto tempo. O velho morrera assassinado e um rapaz de nome Pedro ficara com ela e depois os índios o mataram e ela ficou vivendo entre os índios - um mês, um ano, não sabia bem; como os bugres andavam em guerra conseguira fugir até ser encontrada por um outro homem de melenas grandes e pretas, para quem trabalhava e com quem dormia. Hillebrand ouvia a história sem esconder a sua ira, uma menina ainda e aqueles selvagens nômades se cevando no corpinho informe. (GUIMARÃES, 1991, p.72)

Menor de idade, foi socorrida por Gründling, o qual fez questão de cuidar dela, afirmando inicialmente não ter nenhuma intenção com isso. Como termina a história dos dois já é sabido, mas o que difere Sofia de Catarina é que Sofia passou a ter uma vida confortável depois de todo o horror que viveu, com a perda da família e o sofrimento posterior; Catarina, pelo contrário, sonhava com uma vida nova no Brasil e não a teve, pelo contrário, se viu obrigada a sobreviver em meio à brutalidade dos acontecimentos.

Sofia, depois de socorrida por Gründling e, por fim, casada com ele, pôde dedicar-se às Artes, à sensibilidade, aos mimos. Quando nasceu seu filho com Gründling deu-se o seguinte diálogo:

- Vai ser um Spannenberger Gründling de deixar nome na história. Macho como poucos, disso não tenho a menor dúvida.
- Pelo que vejo estás te deixando influenciar demais pelos gaúchos. Pois olha, eu quero que seja músico, poeta, ou um alto senhor de negócios – disse Sofia com os olhos úmidos. (GUIMARÃES, 1991, p.132)

⁴ Georg Anton von Schäffer ou Jorge Antônio Schäffer é mais uma personagem histórica que figura no romance de Josué Guimarães, personagem de grande relevância no contexto da imigração alemã para o Brasil por ter sido o responsável contratado para reunir o maior número de interessados em emigrar para o Brasil.

Há uma tentativa de que o filho não seja como o pai, de que não dê tanto valor à demonstração de virilidade e poder. De certa forma, podemos constatar desejos semelhantes das mães para com os filhos, tanto de Catarina com Daniel Abrahão, quanto de Sofia com Gründling. Sofia deseja que seu filho não seja como pai, tendo necessidade de demonstrar virilidade, mas alguém dado a negócios ou às Artes e Catarina deseja que os filhos não sejam parecidos com o pai, ou seja, que não sejam obrigados se esconder para poderem (sobre)viver.

A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão - O conflito bélico

Uma vez em terras brasileiras, não demorou muito e os imigrantes alemães tiveram de tomar posição em relação à política, e assim inúmeras vezes ao longo dos anos. Algumas vezes essas decisões foram tomadas sem nem mesmo existir a possibilidade de reflexão. Os colonos vinham ao Brasil sem terem conhecimentos prévios da língua portuguesa, muito menos de política. No início dos anos 1900, por exemplo, os imigrantes e descendentes de alemães eram divididos entre republicanos e federalistas; conforme a religião, entre católicos, luteranos ou liberais. Estar de um lado político ou de outro era estar suscetível a tomar posição em conflitos armados também.

A obra aqui apresentada e analisada traz na sua narrativa a Guerra da Cisplatina, que ocorreu entre 1825 e 1828, o período que abrange a chegada das primeiras levas de imigrantes alemães para o Brasil. Pouco depois, as terras gaúchas serão palco de uma guerra de longos dez anos, a Guerra dos Farrapos, de 1835 a 1845, na qual muitos imigrantes alemães ou já descendentes tomarão parte por livre vontade ou, no caso de muitos, forçados. Durante a guerra, a emigração ao estado do Rio Grande do Sul foi oficialmente suspensa nas regiões de língua alemã. Depois de algum tempo de tranquilidade, os imigrantes e descendentes foram convocados a marchar ao Paraguai, para formarem batalhões na Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870. Nessa guerra há relatos de muitos imigrantes e descendentes que nunca mais retornaram. E ainda no século XIX, de 1893 a 1895, o sul do Brasil seria palco de uma guerra sangrenta, a A Revolução Federalista, uma guerra civil que ocorreu logo após a Proclamação da República.

O embate bélico gerado por motivos políticos, no qual acabam sendo envolvidos a família Schneider e seus agregados em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* é decisivo na obra. Tudo ia muito bem em Bagé, a plantação rendia bons frutos, Daniel Abrahão se apaixonara pelo lugar até o dia em que os castelhanos chegaram e ele foi escondido por Catarina no poço. A mentira contada por Juanito foi a de que o marido de Catarina havia sido levado preso para as bandas de Rio Grande e que eles o tinham como morto.

Tudo muda depois que Daniel Abrahão é obrigado a ficar escondido dentro de um poço. A esposa passa a tomar a frente no comando da casa, da produção de alimentos, da criação dos filhos e Daniel nunca mais voltaria a uma vida normal:

Faltava para ele [Daniel Abrahão] o teto ao alcance das mãos, as paredes coladas ao corpo, não sabia mais dormir sobre a terra, o ar frio entrando pelas frestas como duendes ameaçadores, o inimigo sempre à espreita, os soldados prontos a caçá-lo. A faca que corta o pescoço, a espada que entra no peito, a corda a balançar sinistra de um galho qualquer. (GUIMARÃES, 1991, p.127)

O trecho acima remete ao momento em que Catarina e a família já estão de volta a São Leopoldo, tendo em Daniel Abrahão um homem transformado depois da período vivido em Bagé. Por ter passado tanto tempo escondido dentro do poço em Bagé fez com que, mesmo de volta a São Leopoldo, onde ele não seria inesperadamente ameaçado por bandoleiros de um ou de outro lado da fronteira, a família fosse obrigada a cavar um buraco para ele. Daniel já não suportava viver dentro de uma casa e na superfície. Aos poucos a situação foi melhorando a ponto de por um tempo Daniel passar apenas as noites dentro do buraco.

Todavia, não somente de forma “passiva” os imigrantes alemães passaram pela Guerra da Cisplatina. Alguns colonos também foram convocados para a luta armada:

Trinta e sete colonos marchariam como voluntários para os campos de batalha. O presidente achou pouco. Finalmente havia cinquenta deles, treze dos quais no laço, arrancadas das suas mãos as enxadas e colocadas no lugar delas velhas espingardas de carregar pela boca. Companhia de Voluntários Alemães. [...] Nos primeiros dias de treinamento, a coisa se complicou. Eles não entendiam as ordens dadas em português. Meia-volta-volver, eles parados, vendo primeiro o que os outros faziam. (GUIMARÃES, 1991, p.53)

Esses imigrantes alemães são, portanto, sujeitos que fogem de um cenário de mazelas nas regiões de língua alemã na Europa, onde a vida não lhes oferece grandes possibilidades. No entanto, quando imaginam ter encontrado o local para tentar uma nova vida, veem-se obrigados a tomar parte de algo que nem mesmo compreendem: precisam pegar em armas por uma causa política que nem compreendem.

No romance de Josué Guimarães, em um dado momento, dois alemães que lutavam em frentes opostas reconhecem-se enquanto alemães e decidem fugir juntos. “O lanceiro João Carlos Mayer marchava com a tropa comandada pelo General Felisberto Caldeira Brant Pontes, Visconde de Barbacena, da serra do Camaquã para os braços do inimigo, uruguaios, argentinos e, também alemães comandados por Alvear.” (GUIMARÃES, 1991, p.74). Quando a batalha inicia, com os Lanceiros Alemães no primeiro corpo, Mayer reconhece que está prestes a lutar com uma tropa de alemães, do Barão Heine, tropa essa pertencente ao grupo dos castelhanos de Alvear e Lavaleja. No meio do conflito entre Mayer e um lanceiro de Heine,

Mayer perde a espada e, acuado, ouve o inimigo dizer “rapaz, a gente não tem nada a ver com essa briga” (GUIMARÃES, 1991, p.77) ao que segue em um diálogo:

- Rapaz, eu sou de Badembach-Trier. Meu nome é Peter Sen Ludwig.
- Eu me chamo João Carlos Mayer. Por que você não enfia logo essa espada em mim. Vamos, está com medo?
- O outro riu. Era o que devia mesmo fazer. Olhou e viu que estavam longe da luta, sentou-se ao lado de Mayer e descansou a arma no chão.
- Você não acha engraçado a gente estar metido nisso sem ter nada a ver com a coisa? - perguntou Ludwig desabotoando a túnica empapada de suor.
- É, a gente sai da Europa por causa das guerras e vem para cá e é guerra de novo. Em qualquer lugar é assim.
- Eu não quero mais saber de guerra. Fui obrigado a ser lanceiro do Barão Heine e afinal a coisa foi divertida até ontem. Um homem fora da própria terra fica muito sozinho. E contra isso qualquer coisa serve. Veja você, encontrar um compatriota por aqui, como inimigo. Sabe, o melhor é tomar um rumo qualquer e desaparecer.
- Você quer dizer fugir.
- Desaparecer mesmo - retrucou Ludwig. - Para voltar agora eu precisava primeiro enfiar esta espada na tua barriga, montar a cavalo e continuar na guerra. Olha para esta farda, é diferente da tua.
- Mas a língua que nós falamos é a mesma. (GUIMARÃES, 1991, p.77)

A língua é um dos principais pontos de união entre esses sujeitos, reconhecendo-se pertencentes a um grupo maior comum: a origem alemã.

Outro ponto importante para compreender o impacto bélico na narrativa de Josué Guimarães são os estupros sofridos por Catarina pelos soldados. Na narrativa, os combatentes da Guerra da Cisplatina, tanto do lado brasileiro quanto do lado castelhano assaltavam a propriedade dos Schneider, comiam e dormiam ali. A primeira vez que Catarina foi estuprada foi ao lado do poço onde Daniel Abrahão estava escondido. Quando enfim o ato terminou e Catarina voltou à casa, ouvia Daniel rezar o Pai Nosso em alemão. Na segunda e na terceira vez que aconteceu, Catarina nem resistia mais, sabia que isso aconteceria mais vezes; novamente foi ao lado do poço e, ao acordar do desmaio, Daniel lhe pergunta “- Novamente os selvagens, Catarina?” (GUIMARÃES, 1991, p.46)

Gründling, ao falar da Guerra da Cisplatina e dos momentos difíceis que a colônia de São Leopoldo estava passando, trata da desunião dos povos. Ele observa que no início do processo imigratório os conflitos se davam pela diferença de língua, mas que agora estavam acontecendo também entre os próprios falantes de alemão:

se já não bastasse a guerra que mal acabou, pelo menos inimigo era inimigo, falava língua estranha, podia-se matar sem remorso. Falamos língua diferente, também? Uma coisa nada tem a ver com outra. Estamos do mesmo lado, um termina absorvendo a língua do outro. Schaeffer, aliás, me diz isto nesta carta: ‘Mandarei tantos alemães para o Brasil que dentro de vinte anos, ou menos, ninguém falará outra língua, pelo menos no Sul. (GUIMARÃES, 1991, p. 137)

Alguns alemães tornaram-se soldados na guerra contra os castelhanos, como vimos acima. Nesse contexto, o fato de conseguir se comunicar satisfatoriamente era um empecilho que poderia custar a própria vida dos combatentes ou mesmo comprometer todo o grupo, uma vez que todos os comandos eram dados em português. O isolamento em grupos tornava-se natural. “Nos bivaques noturnos, ao redor das fogueiras, os alemães não se misturavam, formavam grupamentos à parte, isolados pela língua” (GUIMARÃES, 1991, p.74).

Mais tarde, quando a Guerra da Cisplatina já havia terminado e a família de Catarina regressado a São Leopoldo, iniciaram-se as revoltas dos imigrantes em relação à falta de verba do governo brasileiro: “Mas reverendo – disse Daniel Scherer – a injustiça nos revolta. Estamos sendo vítimas de perseguições por parte dos brasileiros, das autoridades. Ora, estamos aqui chamados pelo governo, não somos intrusos.” (GUIMARÃES, 1991, p.172). Por muito tempo os imigrantes alemães serão joguetes nas tomadas de decisões políticas e, devido a uma crescente insatisfação, muitos imigrantes, especialmente os que possuem algum vínculo com o contexto urbano, serão envolvidos em conflitos, revoluções e guerras. Cabe lembrar ainda que os imigrantes de língua alemã não podem ser vistos como grupo homogêneo. Muitas divergências dentro do grupo são trazidas da terra natal e devido a elas, em momentos de exacerbação, ocorrerão enfrentamentos entre grupos alemães em terras brasileiras, o que deixa claro que em momento algum a imigração de alemães no Brasil é a de um grupo homogêneo, pelo contrário, a emigração da região de língua alemã é marcada por diferenças que se farão perceber claramente no Brasil.

Considerações Finais

A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão é um romance histórico que oportuniza ao leitor a rica experiência imagética do que foi o Rio Grande do Sul no início do processo imigratório alemão. O leitor confronta-se com os grupos que formam a população do estado do Rio Grande do Sul até aquele momento: os índios, o europeu ibérico, os negros escravizados e agora os imigrantes europeus de língua alemã. Depois viriam outros grupos europeus e ainda, grupo menor, os asiáticos. O estado do Rio Grande do Sul é múltiplo na sua composição étnica, sendo faladas diversas línguas, com diversos hábitos e cores, com múltiplas tradições artísticas trazidas para a região e a partir daí confrontadas e reelaboradas no novo contexto. Claro que a atenção que o autor Josué Guimarães está centrada na presença de imigrantes alemães, destacando-se as dificuldades enfrentadas por eles, mas apresentando também as discórdias e as diferenças existentes dentro do próprio grupo, tomado geralmente de forma errônea como homogêneo.

Os elementos analisados neste artigo foram uma escolha certa de Josué Guimarães para a composição da narrativa; proporcionam ao leitor o panorama de como se deu a

instalação dos alemães em São Leopoldo, de como eram as relações dos colonos com quem não falava sua língua, da diferença de lutas travadas por diferentes jornadas, do quanto o psicológico de muitos ficou para sempre marcado por determinados eventos históricos.

Na obra de Josué Guimarães é possível identificar os dois lados da imigração alemã: um deles é o da dificuldade que os imigrantes enfrentaram na chegada ao Brasil: os entraves com a língua, as promessas feitas na Alemanha divergindo completamente da realidade encontrada no Brasil, as diferenças no manejo com a terra, a presença de conflitos bélicos, o clima. Por outro lado, os privilégios dos quais os alemães usufruíram principalmente em relação aos que já estavam aqui (negros e índios), o recebimento de terras por parte do governo, sementes e ferramentas, tudo isso porque se pretendia ter em terras brasileiras mais brancos, devido à política de branqueamento.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad.: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AQUINO, Ivânia Campigotto. **A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense**. Passo Fundo: Ed. UPF. 2007.

BHABHA, Homi K. **Die Verortung der Kultur**. Mit einem Vorw. von Elisabeth Bronfen. Dt. Übers. von Michael Schiffmann und Jürgen Freudl. Tübingen: Stauffenburg-Verl., 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance III: O romance como gênero literário**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019 (1ª Edição).

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2013.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar**. Revista Brasileira de Literatura Comparada. Niterói, 1991. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1/1>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

CEM ANOS DE GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL. Trad. Arthur B. Rambo. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

ETTE, Ottmar. **Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika**. Göttingen: Verbrück Wissenschaft, 2001.

GUIMARÃES, Josué. **A ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão**. 8ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1991.

HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende, Belo Horizonte: UFMG, 2009.

NEUMANN, Gerson Roberto. **A Muttersprache (língua materna) na obra de Wilhelm Rotermond e Balduino Rambo e a construção de uma identidade cultural híbrida no Brasil.** Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2000.

NEUMANN, Gerson Roberto. **Estar entre mundos e ao mesmo tempo não pertencer a nenhum. O caso da literatura em língua alemã produzida no Brasil no século XIX.** In: *Caderno de Letras (UFPEL)*, v. 29, p. 151-169, 2017a.

NEUMANN, Gerson Roberto. **Espaço espaços. Panorama da conceituação de espaço.** In: *Espaço/espacos: estudos de literatura comparada.* Org.: Rita Lenira de Freitas Bittencourt [et al.]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017b.

ORTIZ, Eduardo. **Josué Guimarães leitor de Jean Roche: ressonâncias da historicidade em A Ferro e Fogo.** Caxias do Sul: 2016. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1434> acesso em 31 de março de 2020.

OURIQUE, João Luis Pereira. CUNHA, João Manuel dos Santos. NEUMANN, Gerson Roberto. **Literatura: Crítica Comparada.**

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade.** Trad. de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Sob o signo do presente: intervenções comparatistas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

SEYFERTH, Giralda. "A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade." In: **Horizontes Antropológicos.** vol.10 no.22 Porto Alegre July/Dec. 2004.